

*Texto complementar a concepção de pessoa, e de natureza.
Fundamental para conhecer a filosofia da Peads e dos ADL*

Cada pessoa tem uma interpretação sobre sua própria história. Pode achá-la uma rotina, uma repetição de fatos, ou pode achá-la inovadora, diferente em cada etapa ou período da vida. Cada pessoa tem uma concepção sobre sua vida, sobre sua história e sobre a história da sua comunidade ou nação. Vamos analisar essa temática nesse texto.

A visão dos gregos

Há quem pense que a história se repete como os ciclos da natureza. Os dias se repetem a cada 24 horas, a semana a cada 7 dias, o mês a cada 30 ou 31 e o ano a cada 365 dias. As estações de inverno, primavera, verão e outono se repetem todos os anos, e há sempre um recomeço de cada coisa. A pessoa acorda, levanta, apronta-se para comer e ir trabalhar, no final do dia, de novo vai dormir para acordar no dia seguinte.

Os gregos pensavam e concebiam a história assim, como um ciclo, como um eterno retorno, que ninguém pode mudar. Seu destino e percurso já estão definidos, nem os homens, nem os deuses seriam capazes de mudar. Se alguém mudasse um aspecto, uma dimensão, no final das contas, voltaria depois tudo a mesma coisa. Não mudaria em seu destino, apenas em algum elemento secundário.

Muitas pessoas ainda seguem esse modelo grego, sentem-se incapazes de dar qualquer outro destino ao que foi traçado para suas vidas. Se nascer pobre, vai continuar pobre, pode ir atrás de uma chance aqui ou acolá, mas termina mesmo pobre. Se houver chance de mudar, não será por ele, mas por ordem de um destino, de um outro ser, de um superior, de um político, de uma loteria.

A visão dos hebreus

Pode ter até uma exceção, se o pobre virar jogador famoso de futebol, ou tirar na loteria. Mas será sempre um acaso, uma sorte. Os acontecimentos se sucedem numa lógica já tão definida que ninguém vai poder atingir o miolo. Pode até

alcançar uma mudança pequena, temporária, mas não penetra na estrutura. Não muda de destino, apenas faz curva.

Anterior aos gregos, média de 2.000 anos antes de Cristo existia um outro povo com um pensamento inverso a esse. Para esse povo, a história não se repetia como na natureza, ela tinha uma direção, uma intencionalidade, ela caminhava sempre, mesmo aqui e acolá, fazendo alguns recuos. Mesmo que aparentemente desse a impressão de está recuando.

Esse povo acreditava que eram as pessoas, as comunidades, as nações que construía o destino de sua história, e mais, acreditavam na possibilidade de mexer com a história. Os homens e as mulheres não tinham seu destino já traçado naturalmente, como a força da lei da natureza. As leis que regem a natureza não eram as mesmas da história.

Esse povo passou a pensar assim porque se sentiu capaz de mudar o destino de sua história, eram escravos no Egito. Os faraós diziam que eles teriam que ser escravos, e muitos até acreditavam que deviam ser mesmo, e viviam como escravos sem reclamar. Porém, a concepção de alguns líderes era de que não deviam viver como escravos e sim como livres.

A concepção dos faraós era muito parecida com a dos gregos. Se a história já estava com seu destino traçado, e ele era faraó, era para continuar sendo faraó e os escravos para continuar sendo escravos. Quem quisesse mudar essa história era mesmo que querer mudar a natureza. E quem quisesse mudar a natureza deveria ser castigado, como exemplo para os demais.

Os faraós aproveitavam-se da religião para dizer que os deuses queriam assim e eles representavam os deuses. Os hebreus então disseram que esses deuses eram falsos, porque o Deus que eles adoravam era diferente, era um Deus que queria propor a construção de outra história. E apontava uma direção, que era de mudança, de justiça e de liberdade.

Influência das duas concepções da história “na história”

Essas duas concepções de história dominaram muito a humanidade. A mais forte foi a dos gregos pelo menos até o século XIX. Era uma concepção muito boa e cômoda para quem exercia poder, porque tinha a sua posição garantida. Ora se a história tinha já um destino traçado, só restava as pessoas segui-lo. Assim, deixava tranqüi-

la a ordem social, quem quisesse modificar, seria punido, tachado de perigoso, subversivo, herético, opositor. Cada época deu um nome peculiar para significar quem tivesse outra concepção.

Assim, os reis e os senhores feudais davam-se muito bem com essa concepção, porque justificavam com ela a posição histórica que herdaram, e sentiam-se com o direito e a autoridade de perseguir e matar quem quisesse ser diferente. Assim, ricos trataram pobres, brancos trataram negros, colonizadores trataram nativos, homens trataram mulheres, chefes trataram subordinados, patrões trataram operários, fazendeiros trataram peões.

Eram sempre esses grupos dominantes que também escreviam os livros, os documentos e os registros da história. A história sempre era contada a partir da ótica deles. Os livros das escolas e das universidades tratavam a história com esse olhar. Os fatos heróicos eram ações dos poderosos, das lideranças, das autoridades. Fatos como a libertação dos escravos era mérito da Rainha Isabel, Independência do Brasil era mérito de Pedro I.

Se algum grupo como o de Antônio Conselheiro quisesse fazer diferente, era tachado de fanático e o governo mandou quatro expedições armadas para destruir a iniciativa na cidade de Canudos. Na imprensa, o governo aparece como a salvaguarda da ordem, o povo liderado por Antônio Conselheiro como fanático, ignorante.

A outra concepção, a dos hebreus, que via a história como uma construção humana, como podendo mudar de rota, como seguindo em frente, era um risco para quem ficava no poder. Abria sempre uma brecha, para quem era oprimido, poder um dia deixar de ser e até inverter a ordem, oprimir quem antes era opressor. Karl Marx foi o grande filósofo que aprofundou a concepção dos hebreus.

Apesar de se confessar ateu, terminou desenvolvendo a concepção histórica de um povo religioso. Como na bíblia, ele mostrou que os operários explorados pelo capital industrial do século XIX poderiam se libertar e passar a história para outra direção. Os operários poderiam organizar sua classe e tomar o poder e passar a ser dona dos meios de produção e dominar o estado.

Marx ainda foi mais longe, afirmando que essa era a direção que a história estava tomando. A história já havia passado pelo tempo da sociedade patriarcal, primitiva, pelo tempo da sociedade escravagista, pelo tempo da sociedade feudal, pelo tempo

da sociedade capitalista, e era chegado o tempo da sociedade socialista, e que terminaria na sociedade comunista.

Essa interpretação da história de Marx marcou muito o pensamento dos últimos 150 anos da humanidade, influenciou a revolução russa, a chinesa, a cubana, a guerra do Vietnã e muitas outras em todos os continentes. Ele equivocou-se em algumas das suas conclusões, mas deixou a marca na filosofia, na economia, na sociologia, na política.

Ele insistia que a história e o mundo já haviam sido muito estudados, analisados e interpretados. O interesse agora era poder transformar o mundo e a história. Essa concepção contribuiu muito para os movimentos de libertação nos últimos cento e cinquenta anos. Marx trouxe de volta o pensamento do povo bíblico de que a história poderia ser outra, não tinha que permanecer do jeito que as pessoas encontravam. A história não era uma fatalidade, um caminho sem volta, uma predestinação. As pessoas não eram condenadas a seguir um destino traçado por outras, por outros países. As pessoas poderiam sonhar com um outro mundo, solidário, mais fraterno e mais justo. Pode-se discordar de Marx, dos meios e estratégias que ele propôs para construir esse mundo diferente. Porém, sua concepção de história mudou a história.

Muitos cristãos nos dois últimos séculos encontraram muita afinidade entre o pensamento bíblico, cristão e o pensamento dos marxistas nesse sentido. A polêmica teologia da libertação dos teólogos latino-americanos revela essa aproximação do pensamento bíblico com o socialismo de Marx. Os cristãos, sobretudo, na América Latina se engajaram para pensar um futuro diferente para seus países, suas comunidades. Um futuro diferente para os índios que eram negligenciados pelo governo, para os negros que se sentiam discriminados, para as mulheres que se viam subjugadas pelos seus companheiros, para os excluídos.

Buscavam um futuro diferente para o meio ambiente, os recursos naturais, o planeta ameaçado pela poluição, os pobres ameaçados pela fome. Como instrumento, esses grupos construíram uma concepção de história parecida com a da Bíblia, parecida com de Marx. Os movimentos sociais em geral eram e são envolvidos com essa concepção de história.

Essa concepção de história é também reconstruída na formação dos jovens ADL. Esses se preparam para mudar primeiro a sua história e ao mesmo tempo em que mudam a sua, estão também mudando a história do seu entorno, das suas circunstâncias. Muitos ADL entraram para a formação com a concepção dos gregos, achando que não poderiam sonhar com um outro futuro para si, nem para seu município.

Mudam exatamente quando desenvolvem uma outra concepção de história. Quando passam a sentir que podem ser protagonistas de uma outra história, quando passam a se sentir e fazer parte dessa construção. Por isso que é tão importante ter no itinerário curricular o aprofundamento das concepções. Cada jovem precisa dominar muito esse tema.

Com os produtores orgânicos acontece a mesma coisa, eles acreditam que é possível dar rumo diferente a produção, que a terra, o solo e os recursos naturais podem ser manejados a partir de outra paradigma (ver concepção de mundo e natureza).

A professora que vivencia a Peads – Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável, também consegue construir outro rumo para história da escola, dos alunos, da comunidade. Ele percebe que não pode reduzir o ensino a uma grade curricular que não lhe diz respeito, imexível, inexorável. Ela interfere, recria, reconstrói, e cria rumos diferentes.

Abdalaziz de Moura

Leitura complementar:

Galeano, Eduardo, *Veias abertas para a América Latina*. São mais de 30 edições já vendidas, onde ele estuda a história da América Latina com uma concepção diferente dos tradicionais historiadores.

Mesters, Carlos, *O projeto de Deus*, O autor estuda a concepção dos hebreus e dos faraós.

Boff, Leonardo, *Teologia da Libertação*, Editora Vozes de Petrópolis.

Autores das tragédias gregas: Sófocles, Eurípides. As tragédias gregas são famosas pelo fatalismo do destino nos seus personagens principais.

Outras atividades complementares.

Assistir o filme *Dança com lobos* sob essa ótica e comentar em classe o comportamento do colonizador e do índio.

Assistir o filme *Coração Valente* com Mel Gibson e ver as duas concepções de história presente no filme, a dos camponeses e a dos reis.

Assistir o filme *Diário de um motocicleta*, onde conta a história de Che Guevara, reinterpretando a sua história e a da América Latina.

Assistir o vídeo de Rejane e os demais vídeos produzidos pelos jovens da Bacia do Goitá sobre jovens protagonistas.

Cada dupla de aluno ler uma história da coletânea de *Caros Amigos*, que conta a história de pessoas que fizeram história.

Cantar, reler e interpretar a música de Geraldo Vandré *Disparada*.

Estimular os jovens a escreverem textos, contos, poesias, peças de teatro sobre a sua concepção de história, como esta vem sendo reconstruída por eles, onde se deu a mudança, porque se deu e como espera avançar.